

# MINHA VIDA MIOIRA AO LADO

UM GAROTO.  
UM VERÃO.  
UM SEGREDO.  
UMA DECISÃO.

Huntley Fitzpatrick

valentina 

**Melhor Romance Juvenil pela YALSA**

(Young Adult Library Services Association)

**Finalista do Prêmio RITA**

(Romance de Estreia)

# MINHA VIDA

“Personagens repletos de vida. Narrativa forte, cheia de ritmo, de sol e de beijos, é claro. Perfeito para as fãs de Sarah Dessen e Deb Caletti.”

*School Library Journal*

“Sem sombra de dúvida, um dos melhores YAs do ano.

Você começa a ler e não consegue mais parar.”

*Teen Reads*

“Fitzpatrick captura com perfeição as delícias e os prazeres do primeiro amor, sem deixar de lado os desafios do cotidiano.”

*VOYA*

“Jase e Samantha viverão uma paixão daquelas que toda adolescente sonha viver.”

Simone Elkeles, autora do best-seller *Química Perfeita*

“Um romance maravilhoso, que fala diretamente ao coração.”

Lurlene McDaniel, autora do best-seller *De Coração para Coração*

“Eu quero um Jase inteirinho só para mim!’, assim reagirão as jovens leitoras de *Minha Vida Mora ao Lado*.”

*Kirkus Review*

“O excelente romance de estreia de Fitzpatrick captura de modo comovente a intensidade do primeiro amor e das forças corrompedoras do poder.”

*Publishers Weekly* (resenha estrelada)

“Uma química eletrizante: é o retrato terno, gauche, sexy e extasiado que o romance pinta do primeiro amor que o leva às alturas.”

*Horn Book*

Huntley Fitzpatrick

# MORA AO LADO

*Tradução*

Carolina Selvatici

  
valentina

Rio de Janeiro, 2015

1ª Edição

*Para Colette Corry, é claro.  
As palavras “melhor amiga” nunca dirão o bastante.*



# Capítulo Um

*Os Garrett* eram proibidos desde o início.

Mas não era por isso que eram importantes.

Estávamos no nosso quintal, dez anos atrás, no dia em que o sedã caindo aos pedaços estacionou em frente à casa de telhado baixo que fica bem ao lado da nossa, logo atrás do caminhão da mudança.

— Ai, não... — suspirou minha mãe, deixando os braços caírem. — Eu estava torcendo para não precisarmos passar por isso.

— Isso o quê? — gritou, lá da frente da garagem, minha irmã mais velha. Tinha oito anos e já estava impaciente com a tarefa estabelecida por mamãe para aquele dia: plantar brotos de junquilha em nosso jardim.

Andando rapidamente até a cerca de madeira que separava os terrenos, ela ficou na ponta dos pés para observar os novos moradores. Pressionei o rosto contra o vão entre as tábuas, observando, impressionada, o casal e as cinco crianças saírem do carro — mais parecia um calhambeque de palhaços no circo.

— Esse tipo de coisa. — Mamãe apontou para o carro com a pá, enrolando os cabelos louros, quase prateados, com a outra mão. — Todo bairro tem uma dessas! A família que nunca corta a grama. Que tem brinquedos espalhados por tudo quanto é canto. Que nunca planta flores ou planta e deixa tudo morrer. A família bagunceira que desvaloriza os imóveis. Aqui está ela. Bem do nosso lado. Você plantou o bulbo de cabeça para baixo, Samantha.

Virei a planta, ralando os joelhos na terra para me aproximar da cerca, meus olhos grudados no pai enquanto ele tirava um bebê de uma cadeirinha do carro, e uma criança de cabelos cacheados subia em suas costas.

— Eles parecem legais — observei.

Lembro-me de que um silêncio se fez e de que olhei para minha mãe.

Ela balançava a cabeça para mim, com uma expressão estranha no rosto.

— O problema não é ser legal, Samantha. Você tem sete anos. Tem que entender o que é importante. *Cinco* filhos. Pelo amor de Deus. Essa família é



igualzinha à do seu pai. Que loucura! — Ela balançou a cabeça novamente, voltando os olhos para o céu.

Eu me aproximei de Tracy e tirei uma lasca de tinta branca da cerca com a unha do polegar. Minha irmã se voltou para mim com o mesmo olhar que usava quando estava assistindo à TV e eu tentava perguntar alguma coisa.

— *Ele* é um fofo — disse ela, tentando bisbilhotar pela cerca de novo.

Olhei para o outro lado e vi um menino mais velho sair pela porta traseira do carro, uma luva de beisebol na mão, e tirar uma caixa de papelão cheia de material esportivo do porta-malas.

Mesmo naquela época Tracy gostava de mudar o foco, de esquecer como mamãe achava difícil criar duas filhas. Nosso pai fora embora sem nem ao menos se despedir, deixando-a com uma criança de um ano, um bebê a caminho, muitas decepções e, por sorte, a herança dos pais dela.

O passar dos anos provou que nossos novos vizinhos, os Garrett, eram exatamente o que mamãe havia previsto. A grama da casa deles era cortada esporadicamente, quando era. As luzes de Natal ficavam penduradas até a Páscoa. O quintal era uma bagunça completa com piscina, pula-pula, balanço e trepa-trepa. De vez em quando, a Sra. Garrett tentava plantar alguma coisa sazonal — crisântemos em setembro, marias-sem-vergonha em junho —, apenas para deixar tudo murchar e morrer enquanto cuidava de coisas mais importantes, como seus cinco filhos, que se tornaram oito com o passar do tempo. Todos tinham cerca de três anos de diferença entre si.

— O meu problema — ouvi a Sra. Garrett explicar um dia no supermercado quando a Sra. Mason mencionou a barriga crescente da mulher — são os vinte e dois meses. É aí que, de repente, eles deixam de ser bebês. E eu gosto tanto de bebês...

A Sra. Mason havia erguido as sobrancelhas e sorrido, depois se virado com os lábios apertados, sacudindo a cabeça, perplexa.

No entanto, a Sra. Garrett parecera ignorar o gesto, feliz consigo mesma e satisfeita com a família caótica. Cinco meninos e três meninas até a época em que fiz dezessete anos.

Joel, Alice, Jase, Andy, Duff, Harry, George e Patsy.

• • •

Desde que os Garrett haviam se mudado, minha mãe quase nunca olhava



pela janela lateral da nossa casa sem bufar, impaciente. Crianças demais na cama elástica. Bicicletas abandonadas no gramado. Um balão rosa ou azul amarrado à caixa de correio, sendo balançado pela brisa. Partidas de basquete barulhentas. Música nas alturas enquanto Alice e as amigas tomavam sol. Os meninos mais velhos lavando carros e usando a mangueira para fazer guerra de água. E, se não fosse por isso, era pela Sra. Garrett, calmamente amamentando na escada da frente da casa ou sentada lá fora, no colo do Sr. Garrett, sem se importar com o fato de todo mundo estar assistindo.

— É indecente — dizia minha mãe, observando.

— Não é ilegal — sempre contradizia Tracy, futura advogada, jogando os cabelos platinados para trás. Ela parava ao lado da nossa mãe e inspecionava os Garrett pela grande janela lateral da cozinha. — A justiça estabeleceu que é totalmente legal dar de mamar onde você quiser. A escada da casa dela com certeza está incluída nisso.

— Mas por quê? Por que fazem isso quando existem mamadeiras e leite em pó? E, se ela faz *tanta* questão, por que não amamenta dentro de casa?

— Ela está tomando conta dos outros filhos, mãe. É a obrigação dela — dizia eu algumas vezes, parando ao lado de Tracy.

Minha mãe suspirava, balançava a cabeça e tirava o aspirador de pó do armário como se fosse um Valium. A canção de ninar da minha infância era o som dela passando o aspirador, fazendo linhas perfeitamente simétricas no carpete bege da sala de estar. As linhas pareciam, de alguma forma, importantes para mamãe — tão essenciais que ligava o aparelho enquanto eu e Tracy tomávamos café da manhã e, lentamente, nos seguia até a porta enquanto púnhamos nossos casacos e mochilas. Então, ela voltava, eliminando nossa trilha de pegadas — e a dela — até sairmos de casa. Por fim, deixava o aspirador de pó com cuidado atrás de uma das colunas da varanda, apenas para, à noite, arrastá-lo de volta quando chegava em casa do trabalho.

Ficou claro desde o começo que nós *não podíamos brincar com os Garrett*. Depois de levar para eles a obrigatória lasanha de “boas-vindas ao bairro”, minha mãe fez tudo que pôde para não ser simpática. Respondia aos cumprimentos sorridentes da Sra. Garrett com acenos frios de cabeça. Recusava todas as ofertas do Sr. Garrett para cortar a grama, varrer as folhas ou tirar a neve do nosso quintal com um conciso “Temos um jardineiro, obrigada”.

Por fim, os Garrett desistiram de tentar.



Apesar de morarem do nosso lado e uma criança ou outra sempre passar pedalando por mim enquanto eu regava as flores de minha mãe, era fácil não encontrá-los. Os filhos deles frequentavam escolas públicas. Tracy e eu, a Hodges, a única instituição particular da nossa pequena cidade em Connecticut.

Minha mãe nunca ficou sabendo de uma coisa, algo que ela reprovava radicalmente: eu observava os Garrett. O tempo todo.

Do lado de fora da janela do meu quarto, há uma pequena seção plana do telhado, com uma cerquinha em torno dela. Não é bem uma varanda — mais uma plataforma. Fica entre duas cumeeiras, protegida tanto do quintal quanto do jardim da frente, voltada diretamente para a casa dos Garrett. Mesmo antes da família se mudar, era ali que me sentava, pensava e refletia. Mas, depois, era onde eu sonhava.

Eu saía do quarto depois da hora de dormir, olhava para as janelas iluminadas e via a Sra. Garrett lavar a louça, com uma das crianças mais novas sentada na pia, ao lado dela. Ou o Sr. Garrett brincando de luta com os filhos mais velhos na sala de estar. Ou as luzes se acendendo no quarto em que a bebê devia dormir, e a figura do Sr. ou da Sra. Garrett andando de um lado para o outro, acariciando as costas da criança. Era como assistir a um filme mudo, um filme muito diferente da vida que eu vivia.

Com o passar dos anos, fiquei mais ousada. Às vezes, observava a casa durante o dia, depois da escola, encolhida e apoiada contra a lateral da cumeeira áspera, tentando descobrir qual Garrett tinha o nome que eu ouvia ser berrado pela porta de tela. Era difícil porque todos tinham cabelos castanhos e ondulados, pele bronzeada e corpos magros e fortes, como se pertencessem a uma etnia só deles.

Joel era o mais fácil de identificar: era o mais velho e o mais atlético. A foto dele costumava aparecer nos jornais locais por causa das inúmeras vitórias esportivas. Estava acostumada a ver a sua imagem em preto e branco. Alice, a filha seguinte, pintava os cabelos com cores espetaculares e usava roupas que provocavam comentários da Sra. Garrett, por isso eu também a reconhecia facilmente. George e Patsy eram os menores. Os três meninos do meio, Jase, Duff e Harry... Eu não conseguia diferenciá-los. Tinha quase certeza de que Jase era o mais velho dos três, mas isso significava que era o mais alto? Duff deveria ser o inteligente, pois competia em vários torneios

de xadrez e de soletrar, mas não usava óculos nem tinha cara de nerd. Harry estava sempre arranjando problemas — “Harry! Por que você fez isso?!?” era a frase clássica. E Andy, a menina do meio, nunca parecia estar por perto. O nome dela era o que chamavam por mais tempo para ir jantar ou entrar no carro: “Annnnnnnndyyyyyyyy!”

Do meu cantinho escondido, eu observava o quintal, tentando localizar Andy, entender a última travessura de Harry ou ver que modelito extravagante Alice estava usando. Os Garrett já eram a história que me ninava, muito antes de eu imaginar que podia fazer parte dela.



## Capítulo Dois

*É a primeira* noite abafada do verão, e eu me encontro sozinha em casa, tentando aproveitar o silêncio, mas percebendo que estou andando de um cômodo para o outro, inquieta.

Tracy saiu com Flip, o mais novo tenista louro de sua interminável lista de namorados. Não consigo falar com minha melhor amiga, Nan, que está completamente envolvida com o namorado *dela*, Daniel, desde que as aulas acabaram há uma semana e ele se formou. Não há nada que eu queira ver na TV, nenhum lugar da cidade aonde queira ir. Tentei me sentar na varanda, mas, com a maré baixa, o ar úmido fica pesado demais e um incômodo aroma de lodo é trazido do rio pela brisa.

Por isso, estou sentada em nossa sala de estar com o teto abobadado, mastigando o gelo que sobrou no copo, folheando a pilha de revistas de fofocas sobre (sub)celebridades de Tracy. De repente, ouço um apito alto e constante. Enquanto ele azucrina, olho à minha volta, assustada, tentando descobrir o que é. É a secadora? O detector de fumaça? Por fim, percebo que é a campainha, tocando, tocando, sem parar. Corro para abrir a porta, esperando — que saco! — ver um dos ex-namorados de Tracy, que, sentindo-se audacioso depois de tomar várias caipifrutas de morango no clube, veio reconquistar minha irmã.

Em vez disso, encontro minha mãe, pressionada contra a campainha, sendo beijada até a alma por um homem que não conheço. Quando abro a porta com força, os dois quase caem, mas ele apoia a mão no batente e continua a beijá-la, como se não houvesse amanhã. Então, fico ali parada, me sentindo idiota, de braços cruzados, a camisola fina balançando levemente no ar denso. Vozes veranescas me cercam. O bater do mar longe dali, o rugido de uma moto subindo a rua, o soprar do vento entre as árvores. Nada daquilo — e com certeza não a minha presença — faz minha mãe e aquele cara pararem. Nem o estouro do escapamento de uma moto, que entra no terreno dos Garrett, algo que normalmente a enlouqueceria.



Por fim, eles se soltam, tentando respirar, e ela se vira para mim com uma risada envergonhada.

— Samantha. Nossa! Você me assustou.

Minha mãe está com o rosto vermelho, a voz aguda e afetada. Não fala com o tom de “sou eu que mando” que costuma usar em casa, nem com a frieza açucarada que exhibe no trabalho.

Cinco anos atrás, minha mãe entrou para a política. Tracy e eu não levamos isso a sério no início — nem sabíamos que mamãe votava. No entanto, um dia, ela voltou de um comício toda animada e decidida a virar deputada. Depois, se candidatou e foi eleita, e nossas vidas mudaram completamente.

Tínhamos orgulho dela. É claro que tínhamos. Mas, em vez de preparar o café da manhã e vasculhar nossas mochilas para garantir que havíamos feito o dever, minha mãe saía de casa às cinco da manhã e ia para Hartford “antes do trânsito parar”. Ela trabalhava até tarde em comissões e sessões especiais. As atividades importantes dos fins de semana deixaram de ser os treinos de ginástica da Tracy e minhas competições de natação e passaram a ser estudar propostas que seriam postas em votação, participar de sessões especiais ou de eventos locais. Tracy recorreu a todas as táticas de mau comportamento adolescente possíveis e imagináveis. Começou a usar drogas e a beber, cometeu pequenos furtos, transou com vários garotos. Eu li pilhas de livros, decidi ser democrata (minha mãe é republicana) e comecei a passar mais tempo do que de costume observando os Garrett.

Por isso, hoje, estou, paralisada aqui, chocada com o prolongado e inesperado amasso, até minha mãe finalmente soltar o cara. Ele se vira para mim e eu fico sem ar.

Quando um homem abandona uma mulher grávida e com uma filha pequena, ela não mantém a foto dele em cima da lareira. Temos apenas algumas fotografias do meu pai e todas estão no quarto da Tracy. Mesmo assim, eu o reconheço — o formato do rosto, as covinhas, os cabelos claros e brilhantes, os ombros largos. Aquele homem tem tudo aquilo.

— Pai?

A expressão de mamãe, antes de um deslumbre sonhador, se transforma numa careta chocada, como se eu tivesse soltado um palavrão.

O homem se afasta dela e estende a mão para mim. Quando entra na luz da sala de estar, percebo que ele é muito mais jovem do que meu pai seria agora.



— Oi, querida. Sou o mais novo integrante da campanha de reeleição da sua mãe. E com certeza o mais entusiasmado.

*Entusiasmado? Deu para notar.*

Ele pega a minha mão e a aperta, quase sem a minha participação.

— Este é Clay Tucker — apresenta minha mãe num tom de reverência que poderia ser usado para falar de Vincent van Gogh ou de Abraham Lincoln. Ela se vira e me lança um olhar reprovador, sem dúvida por eu ter chamado o cara de “pai”, mas logo se recupera: — O Clay trabalhou em campanhas para o governo federal. Tenho muita sorte por ele ter aceitado me ajudar.

*Ajudar como?*, pergunto-me enquanto ela ajeita os cabelos num gesto que não pode ser nada além de um flerte. *Mãe?*

— Viu, Clay? — continua ela. — Eu *disse* que a Samantha já era grandinha.

Eu pisco. Tenho um metro e cinquenta e sete de altura. De salto alto. “Grandinha” é um exagero. Depois entendo. Minha mãe quer dizer velha. Velha para ser filha de alguém tão jovem quanto ela.

— O Clay ficou muito surpreso quando soube que tenho uma filha adolescente. — Mamãe prende uma mecha solta dos cabelos recém-ajeitados atrás da orelha. — Disse que ainda pareço ter quinze anos.

Eu me pergunto se ela falou da Tracy ou se vai manter minha irmã em segredo por um tempo.

— Você é tão linda quanto a sua mãe — afirma Clay para mim. — Então, agora eu acredito.

O homem tem aquele tipo de sotaque sulista que me faz pensar em manteiga derretida, biscoitos e balanços na varanda.

Ele corre os olhos pela sala de estar.

— Que sala linda — afirma. — Parece um lugar relaxante para se descansar depois de um longo dia de trabalho.

Mamãe sorri. Ela tem orgulho da nossa casa, reforma os cômodos o tempo todo, ajeitando o que já é perfeito. Clay anda pela sala devagar, examinando os gigantescos quadros de paisagens nas paredes muito brancas, observando o sofá bege, fofo demais, e as imensas poltronas, acomodando-se, por fim, na que fica em frente à lareira. Estou chocada. Olho para o rosto de minha mãe. Os homens com quem ela sai sempre param na porta. Na verdade, ela quase não sai com ninguém.

No entanto, minha mãe não está agindo do jeito costumeiro, olhando



para o relógio, dizendo “Nossa, olha só que horas são” e empurrando o sujeito educadamente para a porta. Em vez disso, ela solta o risinho afetado de novo, brinca com o brinco de pérola e diz:

— Vou fazer um café.

Ela se vira para a cozinha, mas, antes que possa dar um passo, Clay Tucker vem até mim e põe a mão em meu ombro.

— Acho — diz — que você é o tipo de garota que faria o café para deixar sua mãe relaxar.

Meu rosto fica quente e dou um passo involuntário para trás. Na verdade, eu geralmente faço chá para minha mãe quando ela chega tarde. É quase um ritual. Mas ninguém nunca me mandou fazer isso. Parte de mim acha que não deve ter ouvido direito. Conheci esse cara há o quê, uns dois segundos? A outra parte se sente imediatamente incomodada, como me sinto na escola quando me esqueço de fazer o exercício de matemática que vale pontos extras ou em casa, quando enfio minhas roupas recém-lavadas numa gaveta, sem dobrar. Fico parada ali, lutando para encontrar uma resposta, mas não consigo achar nenhuma. Por fim, faço que sim com a cabeça e vou até a cozinha.

Enquanto meço a quantidade de café, ouço murmúrios e risadas baixinhas vindo da sala de estar. *Quem é esse cara?* A Tracy já o conheceu? Imagino que não, já que sou a *menina grandinha*. De qualquer forma, Tracy tem ficado muito tempo fora, torcendo por Flip nas partidas de tênis dele, desde que os dois se formaram na semana passada. No resto do tempo, os dois ficam no conversível dele, na nossa garagem, com os bancos abaixados, enquanto minha mãe ainda está no trabalho.

— O café já está pronto, querida? — grita mamãe. — O Clay está precisando de alguma coisa para acordar. Ele tem trabalhado como um burro de carga para me ajudar.

*Burro de carga?* Sirvo o café fresco em xícaras, coloco-as numa bandeja, pego creme, açúcar, guardanapos e volto batendo os pés para a sala de estar.

— Está ótimo para mim, querida, mas o Clay só toma café na caneca. Não é, Clay?

— Isso mesmo — responde ele com um sorriso largo, me devolvendo a xicrinha. — A maior que você tiver, Samantha. Eu vivo de caféina. É minha fraqueza — completa, com uma piscadela.

Ao voltar da cozinha pela segunda vez, largo a caneca na mesa à frente de Clay. Minha mãe diz:

— Você vai adorar a Samantha, Clay. É uma menina tão esperta... No



ano passado, ela fez todas as matérias na turma avançada. Tirou dez em tudo. Participou da criação do livro da turma, do jornal da escola, era da equipe de natação... Minha menina é uma estrela.

Mamãe abre seu sorriso verdadeiro, o que chega até os olhos. Começo a sorrir de volta.

— Tal mãe, tal filha — elogia Clay, e os olhos da minha mãe voltam para o rosto dele e se fixam ali, vidrados.

Os dois trocam um olhar de intimidade e minha mãe anda até ele e se senta no braço da poltrona.

Eu me pergunto por um segundo se ainda estou na sala. É óbvio que estou dispensada. Ótimo. Sou poupada da possibilidade real de perder o controle e jogar o café ainda quente no colo de Clay. Ou um balde de gelo na minha mãe.

*Atende, atende*, imploro ao telefone. Por fim, ouço um clique, mas não é a Nan. É o Tim.

— Residência dos Mason — diz ele. — Se for o Daniel, a Nan saiu com outro cara. Com um cara ainda mais idiota.

— Não é o Daniel — explico. — Ela saiu mesmo com outro cara?

— Não, é claro que não. A Nan? Ela tem sorte de ter o Daniel, e isso é triste pra cacete.

— E cadê ela?

— Por aí — sugere Tim, tentando ajudar. — Tô no meu quarto. Já parou pra pensar por que temos pelos nos dedos do pé?

Tim fumou um. Normal. Fecho os olhos.

— Posso falar com ela agora?

Tim diz que vai chamar Nan, mas, dez minutos depois, ainda estou esperando. Ele provavelmente se esqueceu até de que atendeu o telefone.

Desligo e fico deitada na cama por um instante, olhando fixamente para o ventilador no teto. Então, abro a janela e saio.

Como sempre, quase todas as luzes da casa dos Garrett estão acesas. Inclusive as da entrada da garagem, onde Alice, algumas de suas amigas em trajes sumários e alguns de seus irmãos estão jogando basquete. Os namorados também devem estar por lá. É difícil dizer, todos estão pulando muito e a música sai aos berros do dock station do iPod, na escada da frente.

Não sou boa em basquete, mas parece divertido. Olho pela janela da sala

e vejo o Sr. e a Sra. Garrett. Ela está apoiada nas costas da poltrona dele, os braços dobrados, olhando para o marido, que está apontando alguma coisa numa revista. A luz do quarto deles, onde a bebê dorme, ainda está acesa, apesar de ser muito tarde. Eu me pergunto se Patsy tem medo de escuro.

Então, de repente, escuto uma voz bem perto de mim. Bem abaixo de mim.

— Oi.

Assustada, quase perco o equilíbrio. Então, sinto uma mão segurar meu tornozelo, me equilibrando, e ouço um barulho enquanto alguém, um cara que não reconheço, sobe pela treliça até o telhado, meu cantinho secreto.

— Oi — repete ele, sentando-se ao meu lado como se me conhecesse bem. — Precisa de ajuda?

..... ● .....

**MINHA VIDA MORA AO LADO**  
*é um livro encantador sobre a família,  
o amadurecimento, a lealdade,  
o primeiro amor e, principalmente,  
sobre como ser sincero com alguém  
que amamos demais sem trair  
grandes verdades.  
Cada escolha uma renúncia.  
Cada escolha uma consequência:  
bem-vindos à vida!*

..... ● .....

“Samantha não é aquela típica adolescente chata e angustiada. Ela é madura, inteligente, se respeita; resumindo: ela é demais! Adorei a forma como a história vai crescendo e ganhando corpo, tocando em assuntos como aceitação, lealdade e responsabilidade, tudo isso em meio à vivência do primeiro amor da juventude. Um livro delicioso, alto astral e belamente escrito.”

Kristan Higgins, autora best-seller do  
*New York Times* e bicampeã do prêmio RITA